

# José Carlos Mariátegui e o Brasil

LUIZ BERNARDO PERICÁS

JOSÉ CARLOS MARIÁTEGUI, considerado o “pai” do marxismo latino-americano, ainda é, em grande medida, um desconhecido em nosso país. Restrita, quando muito, ao meio acadêmico, sua obra ainda não conseguiu penetrar de forma mais incisiva no mercado editorial brasileiro, ainda que alguns de seus escritos tenham sido lançados em anos recentes. Seu livro, *Sete ensaios de interpretação da realidade peruana*, publicado em 1928, é apontado como o mais influente, original e inovador estudo do processo histórico de uma nação realizado por um intelectual na América do Sul. Há quem afirme que a publicação dos *Sete ensaios* marca, de fato, a data de nascimento do marxismo na região. Afinal, Mariátegui, ao contrário de muitos, não “copia” ou “transfere” mecanicamente sistemas teóricos europeus para sua realidade, mas realiza, na prática, o primeiro esforço bem-sucedido para “nacionalizar” o arcabouço teórico de Marx em nosso continente.

Mariátegui nasceu em uma família humilde e nunca chegou a conhecer o pai. Sempre teve saúde frágil e problemas físicos. Quando menino, foi atingido por um forte golpe em uma das pernas, numa brincadeira escolar. Passou por cirurgias que o deixam manco pelo resto da vida (nos seus últimos anos, teve uma de suas pernas amputada). Tornou-se um garoto recluso e amante da leitura. Por causa de todas as complicações de seu estado de saúde e da situação econômica precária de sua mãe, abandonaria definitivamente, ainda muito cedo, a escola. Não chegou a concluir o curso primário. Quando garoto e adolescente, trabalhou como entregador, linotipista e corretor de provas de um jornal limenho, para em seguida ingressar na carreira jornalística.<sup>1</sup> Esse periodista autodidata aos poucos se aproximou do movimento operário, apoiou greves e foi visto como uma pedra no sapato do governo do então presidente Augusto Leguía, que o enviou, num exílio dissimulado, para viver por alguns anos na Europa. A maior parte do tempo ficou na Itália, onde leu os mais influentes jornais da época, conheceu personalidades políticas e literárias do Velho Continente, observou em primeira mão o início do fascismo e presenciou a formação do Partido Comunista daquele país.<sup>2</sup> Ao retornar ao Peru já estava “formado” politicamente e era assumidamente marxista. Seu primeiro livro, *La escena contemporánea*, saiu em 1925, e pouco depois, em 1928, publicou os *Sete ensaios de interpretação da realidade peruana*.

Em sua obra-prima, seu “clássico”, Mariátegui (fundador e principal dirigente do Partido Socialista e da Central Geral dos Trabalhadores do Peru) con-

seguiu mostrar com profundidade e maestria o painel geral do desenvolvimento histórico de seu país, desde o período pré-colombiano, passando pela colonização espanhola, até chegar às primeiras décadas do século XX, sendo capaz de articular temas fundamentais, como a evolução econômica peruana, a questão do regionalismo e do centralismo, a literatura, a questão agrária e o problema indígena. Criticado por Haya de La Torre, pela Alianza Popular Revolucionaria Americana (Apra) e pelo Comintern, Mariátegui foi acusado (dependendo de seus detratores) de “europeizante”, “aprista”, “populista”, “intelectual pequeno-burguês” e “bolchevique d’annunziano”. Afinal de contas, suas ideias heterodoxas eram uma “ameaça” política às outras agrupações que lutavam pela hegemonia do movimento operário no país.

Depois do desaparecimento físico de Mariátegui, em 1930, ocorreu uma tentativa de eliminar os supostos “desvios” mariateguistas de seu partido, que começou, a partir de então, a seguir fielmente as diretrizes de Moscou, não aceitando que se construíssem esquemas teóricos que saíssem das fórmulas propostas pelos dirigentes da Internacional. Por algum tempo, portanto, Mariátegui se tornou um “herege”, e seu legado acabou sendo desprezado por muitos “comunistas” ortodoxos

Ao longo dos anos, contudo, isso iria mudar. A primeira edição dos *Sete ensaios*, com cinco mil exemplares, vendeu-se lentamente.<sup>3</sup> A segunda só sairia em 1944, preparada por seu primogênito, Sandro, com uma tiragem maior, dez mil livros. A terceira viria à luz somente oito anos mais tarde.

De lá para cá, contudo, já foram editadas mais de 70 edições da obra em todo o mundo (incluindo as peruanas e as estrangeiras). Fato esse, é claro, ajudado pela publicação das edições de bolso, vendidas a preços populares em todo o Peru. A primeira dessas, lançada em 1956, teve uma tiragem de 50 mil livros. Os *Sete ensaios* foram publicados (a partir dos anos 1950 em diante) em dezessete países. Com dois milhões de exemplares vendidos, é o livro peruano de não ficção de maior sucesso da história e com o maior número de edições em todo o mundo. Mas Mariátegui, apesar de tudo isso, ainda continua sendo pouco conhecido e discutido em nosso país.

Nossa intenção neste artigo essencialmente panorâmico é tentar contribuir, mesmo que modestamente, para um maior conhecimento em relação à recepção de Mariátegui no Brasil. Há muito pouco material compilado sobre esse assunto específico, e acreditamos poder dar interessantes aportes para os estudos mariateguianos no que concerne a esse objeto. Afinal, como dissemos, é difícil encontrar uma sistematização mais ampla acerca desse tema. Para isso, faremos uma tentativa de “arqueologia intelectual”, realizando, em alguns casos, *aproximações*, e procurando encontrar, na medida do possível, a relação entre Mariátegui e os intelectuais e artistas brasileiros, a dimensão e a importância que ele deu ao Brasil em sua obra e quais autores foram influenciados de alguma forma pelo jornalista peruano. Nem de longe achamos que o tema está esgotado. Muito pelo contrário.

Aqui ofereceremos apenas *sugestões* e alguns caminhos para que outros pesquisadores possam se aventurar e se aprofundar, com maior detalhamento e novas informações, na questão.

O fato é que a recepção de Mariátegui se deu tardia e timidamente no Brasil. As primeiras referências *registradas* de uma comunicação *direta* de Mariátegui com um brasileiro (que foram, de maneira geral, escassas) datam de 1928, quando o jornalista e teórico peruano troca correspondência com o intelectual paulista Álvaro Soares Brandão, que tinha interesse em publicar um de seus textos na revista *Amauta*, editada por ele.<sup>4</sup> Outra carta de um brasileiro, dessa vez do jornalista Baltazar Dromundo, da *Folha Acadêmica*, foi enviada em 1929 para o colega peruano (Luna Vegas, 1985, p.85). Aparentemente, o primeiro a mencionar Mariátegui numa revista brasileira, contudo, teria sido Alberto Guerreiro Ramos. De acordo com Raúl Antelo,

o primeiro ensaio sobre JCM [José Carlos Mariátegui] reivindicando seu método é uma tardia intervenção de Guerreiro Ramos nas páginas de *Cultura Política*, a publicação do DIP dirigida por Almir de Andrade. Em seus primeiros números, a revista tinha uma seção, “Literatura Latino-americana”, redigida por G. Ramos... Aí ela é substituída por outra, “Literatura americana”... sob a responsabilidade de Brito Broca, que, além de juntar a hispano com a norte-americana, tinha a particularidade de pôr ênfase nos indivíduos, no gênio individual, conforme o esquema liberal de Broca, mais afeito à “vida literária” do que aos processos culturais... A substituição de Guerreiro Ramos por Brito Broca coincide com a aproximação de Getúlio com relação aos Estados Unidos, de modo que Mariátegui, citado e reivindicado, junto com Henríquez Ureña, nas primeiras colaborações de G. Ramos, é uma das vítimas da política de guerra.<sup>5</sup>

De fato, desde sua primeira participação na *Cultura Política*, em maio de 1941, Guerreiro Ramos (1941a, p.274-5) cita, rapidamente, a importância dos *Sete ensaios* de Mariátegui como exemplo de maturidade “literária” da América Latina, juntamente com Haya de la Torre, Luís Alberto Sánchez, Mariano Picón Salas, Luís Franco, Henríquez Ureña e Emilio Trugoni, colocando JCM como uma importante personalidade do meio cultural. Os artigos de Guerreiro Ramos com menções a Mariátegui saíram no número 3, de maio de 1941; no número 7, de setembro do mesmo ano; e no número 9 (na edição extraordinária comemorativa do quarto aniversário do regime de 10 de novembro de 1937), de 10 de novembro de 1941. No número 7, por exemplo, Mariátegui será novamente colocado ao lado de Pedro Henríquez Ureña, assim como de Angel Rosemblat, Moisés Sáenz, Franz Boas, José Vasconcelos, Rodrigo González Chávez, Ricardo Rojas, Antenor Orrego, Luís Aguilar, Natalício Gonzalez e Gilberto Freyre, como um dos “publicistas” americanos “recentes” que teriam percebido a necessidade de recorrer aos métodos sociológicos de pesquisa para conhecer “nossa” formação social e cultural (Ramos, 1941b, p.299-301). Já no número 9, ele discutiria alguns livros de literatura latino-americana, analisando a evolução da política no continente desde o período colonial e a presença do indígena como formador de

uma consciência nacional. Para isso, falará das obras de Aida Cometta Manzoni, *El indio en la poesia de América española*, e de Antonio Garcia, *Pasado y presente del indio*, a primeira mostrando como o índio é o “plasmador” de uma mentalidade americana e influenciador de uma consciência nacional, enquanto a segunda, apresentando o índio “sociologicamente”. Ao longo do texto, Guerreiro Ramos irá comentar, brevemente, que Manzoni teria se utilizado de Mariátegui para definir três períodos literários sobre o indígena, o “hispano-americano”, o “latino-americano” e o “indo-americano”, este último o qual, de acordo com Mariátegui, exprimiria a nova concepção da América, onde se estruturaria uma definitiva organização política, econômica e social sobre a base nacional das forças de trabalho representadas pela tradição, pela raça e pela exploração das massas indígenas, que seriam o fundamento da produção e o cerne da vida coletiva do continente (Ramos, 1941c, p.398-402). O marxismo de Mariátegui, de qualquer forma, nunca foi mencionado em nenhum de seus artigos. Ou seja, ao que tudo indica, os primeiros textos que citavam e divulgavam, de alguma forma, as ideias de Mariátegui teriam sido publicados já na primeira metade da década de 1940, ainda que fossem a partir do viés literário e não exclusivamente sobre ele.

Depois disso, o nome de Mariátegui iria aparecer rapidamente em 1946, num artigo de Waldo Frank, traduzido por Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça (Rouillon, 1963, p.174). Mas JCM, de alguma forma, estranhamente, ainda passa despercebido pelos intelectuais marxistas brasileiros.

No começo da década de 1940, Leôncio Basbaum (1964), dirigente do Partido Comunista do Brasil (PCB), iria publicar seu importante *Sociologia do materialismo* (que tinha originalmente o título *Fundamentos do materialismo*), sem citar em nenhum momento Mariátegui. Isso apesar de ele *muito provavelmente* conhecer de primeira mão os *Sete ensaios*, por intermédio dos membros do Partido Socialista do Peru, durante a Primeira Conferência Comunista Latino-Americana na Argentina, em 1929. No prefácio à segunda edição de *Sociologia do materialismo*, datado de 12 de setembro de 1958, ele diria que não havia introduzido alterações em seu texto, mas que teria incluído uma “bibliografia adicional”, assim como notas de rodapé que se refeririam a trabalhos diversos (livros e artigos de revistas especializadas), de diferentes autores publicados “de 1944 em diante”, ou que lhe eram desconhecidos à época em que havia produzido originalmente sua obra, textos como a *Dialética da natureza*, de Friedrich Engels, ou livros de Lúkcacs e Plekanov, entre outros (ibidem, p.7). Ao que tudo indica, contudo, pelo menos até o final da década de 1950, Mariátegui passou despercebido por Basbaum, apesar de sua importância. Nem *La escena contemporánea*, nem os *Sete ensaios*, tampouco nenhuma das obras póstumas, como *Defensa del marxismo* (1934), *El alma matinal y otras estaciones del hombre de hoy* (1950) e *La novela y la vida* (1955), foram citadas por ele. Para Hersch Basbaum, de fato, Mariátegui não tomou parte das leituras relevantes de seu pai naquela época.<sup>6</sup>

Mariátegui, porém, certamente teria de ser um nome relativamente conhecido, mesmo que dentro de um grupo bastante limitado do PCB. Primeiro, ele

fundara o Partido Socialista peruano (que mais tarde mudou de nome para Partido Comunista), ligado à Internacional. Ele enviara dois delegados, Julio Portocarrero e Hugo Pesce, para a Primeira Conferência Comunista Latino-Americana de Buenos Aires, em 1929, onde suas teses foram tratadas com desdém e até atacadas por Vittorio Codovilla e outros participantes do evento. Mesmo criticado, seu livro, não obstante, circulou entre os convidados do congresso e suas ideias foram amplamente divulgadas. Os quatro delegados brasileiros presentes no encontro, Paulo de Lacerda, Leôncio Basbaum, Mário Grazzini e Danton Jobim, certamente tiveram acesso ao texto (ou pelo menos sabiam de sua existência e de seu conteúdo) e conheciam Mariátegui de nome. É bom lembrar que aquele era um evento pequeno, e as 14 delegações da América Latina contavam com poucos convidados. Com plenos direitos na reunião, estavam a Argentina, com oito delegados, o Brasil com quatro, a Colômbia com três, Cuba com três, Equador com três, Guatemala com dois, México com dois, Paraguai com um e Uruguai com três, assim como convidados “simpatizantes”, entre os quais, a Bolívia, com dois representantes, El Salvador com dois, Panamá com dois, Peru com dois e Venezuela com apenas um enviado. Também estavam presentes enviados do Partido Comunista dos Estados Unidos e da França, do Comintern e da IC juvenil, e dos secretariados sul-americanos da IC e da IC juvenil regional no evento (Del Roio, 1990, p.80, 115; Fernández Díaz, 1994, p.105). Não sabemos se algum exemplar dos *Sete ensaios* chegou a passar pelas mãos de militantes comunistas de base no Brasil naquela época. O mais provável é que isso não tenha ocorrido. Mas que havia um conhecimento mínimo recíproco entre as lideranças dos PC da região, é incontestável. Alguns vão ainda mais longe, ao afirmarem que tanto os dirigentes de “alto escalão” como os de nível intermediário conheciam os *Sete ensaios*, e que uma liderança comunista de relevo como Pedro Pomar, por exemplo, não só possuía e lia a obra de Mariátegui (a qual considerava muito original), como fazia referência a ela em seus textos.<sup>7</sup> Por sua vez, o próprio Mariátegui (1991a, p.228-57) iria citar longamente, na segunda parte de seu relatório sobre a questão de raças no continente, a intervenção de um delegado brasileiro (que ele não indica o nome), sobre os indígenas e os negros em nosso país. Alguns atribuem a maior porção dessa “segunda parte” desse relatório a seu colega Hugo Pesce, que esteve efetivamente na reunião. Mas Mariátegui, de qualquer forma, aceitou suas conclusões e fez suas as palavras de Pesce e do delegado brasileiro, aceitando, sem restrições, suas interpretações. Se Mariátegui conheceu o discurso e as análises do membro do PCB e as usou como referência, os representantes do Brasil também, certamente, ficaram sabendo quem era o jornalista peruano. É interessante mencionar aqui, como curiosidade, que Mariátegui, ao discutir a questão dos negros, se utiliza da declaração de um brasileiro e não cita em nenhum momento, em nenhum de seus textos, os relatórios sobre o tema elaborados pelos delegados da comitiva norte-americana ao IV Congresso da IC em Moscou, em 1922, os militantes negros Otto Huiswood e Claude McKay, nem também um conhecido e importante documento sobre o assunto do Comintern, “Teses sobre a questão

negra”, preparado pela “Comissão sobre os negros”, dirigida pelo russo George Ivanovich Safarov naquela época (Draper, 1957, p.387).

A partir de setembro de 1929, começou um forte processo de intervenção da IC no continente, explicitado na famosa “Carta aberta aos partidos comunistas da América Latina sobre os perigos da direita”. Nela, os “comunistas” da região seriam acusados de “provincianismo”. A missiva também apontava para o perigo de os partidos socialistas se incorporarem ao Estado burguês e alertava para sua possível transformação em “social-fascistas”. A relativa autonomia dessas agremiações, assim, deveria ser suprimida (Cohen, 1990, p.301-79). Essa investida de Moscou, que já vinha ocorrendo desde o VI Congresso da IC (e com suas características específicas, internamente na Rússia, com disputas faccionais locais), se estenderia para as lutas intestinas dos PC de outros países e iria afetar todos os partidos do continente. Daí em diante, a mão de ferro de Stalin nos rumos políticos dos PC das Américas seria imposta, e muitos dirigentes e intelectuais, afastados de seus comitês centrais ou depreciados e censurados por lideranças mais “ortodoxas”. Um desses casos foi o de M. N. Roy. O outro, *a posteriori*, de Mariátegui. Já nos Estados Unidos, os principais líderes do Partido Comunista, Jay Lovestone e Benjamin Gitlow, acusados de bucharinistas, são expulsos (Klehr et al., 1998). Lovestone iria levar consigo mais duzentos seguidores (Ottanelli, 1991, p.14). Entre 1929 e 1930, de um total de 9.300 membros, permaneceram 7.500, ou seja, em torno de 1.800 militantes comunistas saíram do partido (ibidem, p.15). Em relação ao Brasil, Octavio Brandão (1978, p.379) diria que, em 1930, na Conferência dos Partidos Comunistas em Buenos Aires, “ouvi 16 discursos de ataques, inclusive pessoais. Procuraram fazer tábua rasa de minha vida, obra e luta”. Ele insistia:

A Conferência de Buenos Aires deveria ter-me criticado pelos erros reais. Em vez disso, condenou-me em tudo e por tudo. Fui condenado porque preconizara a aliança do proletariado e do seu PCB com os revoltosos de Copacabana, São Paulo e da Coluna Prestes-Miguel Costa. Condenado porque considerara esta Coluna um movimento progressista. Condenado porque achava que a burguesia de um país semicolonial como o Brasil não era a mesma coisa que a burguesia dos países imperialistas e, portanto, era conveniente fazer aliança com aquela burguesia, contra o imperialismo. Condenado por toda uma série de atitudes semelhantes. (ibidem, p.379-80)

De acordo com Brandão (1978, p.380), “fui transformado em bode expiatório de todas as culpas e ameaçado de expulsão”. Por isso,

tive de aceitar e defender a linha de Revolução Soviética imediata, por disciplina, para não ser expulso do PCB como “traidor” e porque ela foi preconizada em nome da Internacional Comunista. Em vez de fazer a autocrítica dos erros reais, fui obrigado a fazer “autocrítica” de erros imaginários, por não ter lutado pela fantástica Revolução Soviética imediata. Tal o absurdo. (ibidem)

Já Basbaum, acusado de ser um “intelectual”, perdeu seu lugar no Comitê Central e Astrojildo Pereira foi sumariamente demitido de seu cargo de secretário-geral do partido (Hilton, 1986, p.18).



Depois de ser bastante criticado por Eudocio Ravines (o “homem de Moscou” no Peru e sucessor de Mariátegui na direção do partido) e de ser apontado como um intelectual pequeno-burguês e populista pelo Comintern, logo depois de seu desaparecimento físico, em 1930, Mariátegui foi sendo lentamente reabilitado e resgatado ao longo dos anos, até se tornar uma figura extremamente importante e cultuada pelo PCP novamente. Por isso, mesmo que em círculos fechados, restritos, dentro do Partido Comunista do Brasil, certamente havia vários dirigentes que conheciam a obra do jornalista. Talvez isso explique por que Luiz Carlos Prestes enviaria carta ao Comitê Central do Partido Comunista peruano em 1960, em homenagem a Mariátegui,<sup>8</sup> que seria publicada no órgão *Unidad*, de Lima, enquanto um texto de Astrojildo Pereira (1960, p.5), “José Carlos Mariátegui y su obra”, apareceria na mesma edição.

Nelson Werneck Sodré (1962) era admirador dos *Sete ensaios* (a edição utilizada por ele era a chilena, publicada em 1955) e usou a obra como referência para seu curso no Instituto Superior de Estudos Brasileiros (Iseb) sobre a formação histórica do Brasil (que começou a ministrar em 1956), curso esse que resultaria, mais tarde, em seu livro *Formação histórica do Brasil* (Cunha, 2002), de 1962. Nesse livro, ele citará os *Sete ensaios* extensamente em notas. Para alguns estudiosos do pensamento de Sodré, seu pioneirismo seria, até mesmo, ainda maior, já que ele teria fundamentado suas teses centrais em Mariátegui, teses essas incorporadas mais tarde no trabalho supracitado. Ele foi *possivelmente* o primeiro *marxista* brasileiro a utilizar obra de Mariátegui sistematicamente. É interessante salientar que Sodré, ao contrário de alguns intelectuais que haviam reivindicado Mariátegui anteriormente usando um viés culturalista, irá utilizar sua obra a partir de uma perspectiva *política* e historiográfica.

Por sua vez, o mais importante historiador brasileiro, Caio Prado Júnior, aparentemente não sofreu influência *direta* do teórico peruano. Uma avaliação empírica, a partir de consulta realizada pelo historiador Paulo Teixeira Iumatti, mostra que não consta nenhuma ficha bibliográfica, das em torno de novecentas preparadas por ele (atualmente guardadas no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da USP), que discuta qualquer livro de Mariátegui.<sup>9</sup> Uma ausência, certamente, significativa. De acordo com o historiador Lincoln Secco (2008, p.35), Caio Prado só iria comprar *O capital* em 1932, em edição francesa. Em julho daquele mesmo ano, ele ainda encomendaria mais 47 volumes de livros marxistas em francês, como *Herr Vogt*, a *Correspondência* de Marx e Engels, e tomos das *Obras completas* de Lenin, entre vários outros. Alguns anos depois, em 1934, em depoimento a uma revista, Caio Prado Júnior apontaria alguns autores como “indispensáveis” à iniciação a uma cultura socialista, como Anton Merger, Plekanov, Bukharin, Lapidus e Ostrovitianov e Lenin. Ou seja, quase todos russos, mas nem todos, como se pode perceber, clássicos (ibidem, p.36). O marxista paulista deixaria de sugerir vários teóricos importantes e mais sofisticados do que alguns daqueles que citou. E não iria mencionar nenhum latino-americano, como Mariátegui. De qualquer forma, mesmo se Caio Prado Júnior tivesse lido a obra maria-

teguiana, e ainda que os dois intelectuais fossem responsáveis por obras criativas e originais dentro do âmbito do marxismo latino-americano, não se encontram reflexos *explícitos* do teórico peruano nos livros do brasileiro, nem estilo de escrita, nem na diversidade de interesses apresentados em seus textos, nem nas referências bibliográficas e nem em suas teses centrais, ainda que possa, em momentos, haver pontos coincidentes em determinadas análises do processo históricos do Peru e Brasil. Carlos Nelson Coutinho iria afirmar, por exemplo, que Prado Júnior jamais citou Gramsci em suas obras, e não era frequente que mencionasse sequer Lenin. Para Coutinho (1989, p.116), “o estoque de categorias marxistas de que se vale Caio Prado não é muito rico”. A mesma lacuna teórica marxista ele aponta em Mariátegui, apesar de esse ter, de acordo com ele, realizado “obra semelhante para um país concreto, ao analisar a Independência peruana como uma ‘revolução abortada’ e ao apontar as danosas conseqüências desse ‘aborto’ nas várias esferas sociais do Peru moderno” (ibidem, p.126).

A ausência de Mariátegui também pode ser sentida no supracitado Octávio Brandão, importante dirigente comunista brasileiro. Não sabemos se Brandão chegou a ter intimidade com a obra de Mariátegui, mas em sua autobiografia, *Combates e batalhas*, ele não faz nenhuma menção de ter lido ou se influenciado, de alguma maneira, em seus anos de formação política e como membro do PCB, pelas ideias do jornalista peruano.<sup>10</sup>

O mesmo ocorre com Heitor Ferreira Lima (1982, p.65-6), outro comunista histórico. Ele afirma em seu livro de memórias *Caminhos percorridos* que

a literatura teórica que nos nutria, eram livros de Lênin, Trotsky, Zinoviev, Bukharin, Lozovsky e outros, dedicados a assuntos do momento e polêmicos, referentes à revolução russa ou aos problemas da Europa. Desconhecíamos as obras fundamentais de Lênin, como sua polêmica com os populistas, seu estudo sobre o desenvolvimento do capitalismo na Rússia, ou *Que fazer?*, onde ele aplica magistralmente o marxismo às condições de seu país. Bem pouca coisa conhecíamos diretamente de Marx e Engels. Demais, não estudávamos com a devida profundidade as questões brasileiras, sob todos os seus variados e complexos aspectos, especialmente os econômicos, financeiros e sociais, a fim de observar cuidadosamente as relações de classe existentes e suas reações ante a orientação político-econômica impressa pelo governo. Quando começamos a estudar o imperialismo, fizemo-lo de forma esquemática e mecanicista... Finalmente, não possuíamos uma tradição socialista, como a Argentina e o Chile, por exemplo, capaz de nos guiar no pensamento e na ação.

Em seus três anos estudando em Moscou, ele certamente não lia Mariátegui. Mas Ferreira Lima não o cita, sequer quando comenta os debates da Conferência de Buenos Aires ou em seus anos posteriores. Para ele, nos anos 1930, os membros do PCB tinham um desconhecimento completo de nossa realidade. Dizia que “o problema do negro no Brasil, por exemplo, era equiparado ao dos Estados Unidos, evidentemente de modo incorreto. A questão dos índios era igualada à dos índios do Peru e Bolívia, muito diferente dos nossos” (ibidem,



p.106). Como Mariátegui não estava em discussão, as comparações só podiam ser feitas a partir das interpretações da realidade latino-americana da IC, de Vittorio Codovilla, e quem sabe até de Eudocio Ravines, que as apoiava e que era o principal dirigente do Partido Comunista do Peru na época.

A falta de obras marxistas no mercado editorial brasileiro era patente. Para Lincoln Secco (2008, p.34),

o partido também não tinha nenhuma literatura marxista e muito menos seus dirigentes podiam ser vistos, a rigor, como “marxistas”. Edgard Carone, que fez um inventário da literatura marxista no Brasil até 1964, notou que havia aqui leitores de Marx, quando muito. Embora seja um problema complexo e que ingressa no campo da história do livro e da leitura, podemos depreender pelos escritos, memórias, resoluções e artigos de jornal comunistas que era muito frágil o nível de compreensão dos militantes, e mesmo dos dirigentes. Ainda assim, alguns deles, como Astrojildo Pereira, desde o início se preocuparam em divulgar o marxismo. Era o máximo que se podia fazer: divulgar. Mas suas ações foram impedidas pela censura e, depois, pelo próprio partido.

Ele continua:

A assimilação precária dos principais escritos dos dirigentes da IC (Lênin, Trotsky, Bukharin, etc.), se dava através da revista *Movimento Comunista*, órgão de divulgação teórica do partido. Uma análise dessa revista revela os primeiros teóricos marxistas lidos no Brasil de maneira orgânica, mas nenhuma produção nacional importante. Em 1923, Octavio Brandão traduziu o *Manifesto comunista* de Marx e Engels. Os trotskistas Mário Pedrosa e Livio Xavier produziram análises originais da realidade brasileira, embora sem o mesmo valor historiográfico da obra de Caio Prado Júnior – ver o “Esboço de uma análise da situação econômica e social do Brasil”. Com todas as debilidades e o sectarismo próprios da época, os documentos dos trotskistas demonstravam um refinamento teórico maior que o do PCB. (ibidem, p.34-5)

Assim, para Secco (2008, p.35), “o livro que alimentaria os iniciantes no socialismo em geral só seria publicado em 1944, pela editora Calvino. Era de autoria de Max Beer. Entre os comunistas, essa função seria preenchida pela *História do Partido Comunista da União Soviética*, que Caio Prado Júnior leu”.

Ainda que os trotskistas possivelmente tivessem maior preparo intelectual e produzissem análises mais sofisticadas e originais, não há indícios claros de que tenham lido a obra de Mariátegui. Para o pesquisador Cláudio Nascimento,

é muito difícil dizer se Mário Pedrosa leu Mariátegui. Visitei a biblioteca dele na Biblioteca Nacional, todo seu arquivo e não localizei Mariátegui. Também, Mário teve muitos exílios e perdeu muitas coisas. Mas, um dado é que quando do exílio no Chile de Allende, Mário visitou Darcy Ribeiro no Peru, época do General Alvarado. Assim, é possível que tenha conhecido obras do Amauta. Mário era muito bem informado, sobretudo, do que ocorria nas vanguardas artísticas do mundo.<sup>11</sup>

Já outro historiador marxista importante, Jacob Gorender (1978b), iria utilizar os *Sete ensaios* em sua obra seminal, *O escravismo colonial*, publicado em 1978,



*José Carlos Mariátegui (1894-1930).*

a partir da edição peruana da Editora Amauta, de 1973. Mas, em seu *Combate nas trevas*, outro livro relevante de sua bibliografia, não incluiria Mariátegui entre os autores que “faziam a cabeça” da esquerda brasileira durante os anos de ditadura militar no país, apesar de citar textos de vários intelectuais estrangeiros, como *Os condenados da terra*, de Frantz Fanon, *O capital monopolista*, de Paul Baran e Paul Sweezy, e *O homem unidimensional*, de Marcuse, assim como as ideias de Louis Althusser e Mao Tsé-tung (já Antonio Gramsci, de acordo com ele, não produziu grande interesse nos militantes da época), entre outros (Gorender, 1978a, p.73-8).

Como se pode perceber, mesmo que certos autores reivindicassem algumas ideias de Mariátegui ou utilizassem sua obra na produção de seus livros, o teórico marxista peruano ainda era pouco conhecido, de maneira geral, influenciando um número reduzido de intelectuais e não sendo colocado como o centro das atenções ou discussões mais amplas nem no meio acadêmico nem no ambiente político e partidário. Sua obra, que permanecia inédita no Brasil por mais de quatro décadas, era consultada apenas por um grupo restrito de intelectuais brasileiros.

Ainda que Sodré tenha trazido algumas das ideias do teórico peruano para o debate intelectual dentro das esquerdas brasileiras já na metade da década da 1950 e início dos anos 1960, o primeiro grande impulsionador da obra mariateguiana no Brasil foi, *de facto*, o sociólogo Florestan Fernandes, que somente em 1975, em plena ditadura militar, consegue editar, pela primeira vez em nosso território, os *Sete ensaios*, pela Editora Alfa Omega (Mariátegui, 1975). Um atraso de 47 anos. Isso quando o livro já havia saído em vários outros países da América Latina.

O primeiro país no mundo inteiro a publicar um livro de Mariátegui fora do Peru foi o Chile, que colocou no mercado, em 1934, o *Defensa del marxismo*, em edição pirata e incompleta, sem o consentimento da família do jornalista (Luna Vegas, 1985, p.79). Mais tarde, sua obra mais importante, os *Sete ensaios*, seria publicada no mesmo país, oficialmente, dessa vez pela Biblioteca Universitária, em 1955. Em seguida, o livro sairia em Cuba, pela Casa de las Américas, em 1963. Na verdade, nos primeiros anos da revolução, uma diversidade de autores importantes, como Mariátegui, Gramsci e Althusser, começou a ser editada, lida e estudada, criando grande interesse pelo público cubano, que procurava diferentes abordagens teóricas e práticas dentro do marxismo. Aqueles foram os anos mais férteis do processo de construção do socialismo na ilha (Acanda González, 2000, p.109-28; Santana Castillo, 2000, p.171-83). Os *Sete ensaios* ainda teriam lá uma segunda e uma terceira edições, em 1969 e 1973. No Uruguai, o livro é lançado pela Biblioteca Marcha em 1970, com uma segunda edição em 1973. E no México, seria publicado pelas Ediciones Solidariedad em 1969 e, mais tarde, pela Editorial Era, em 1979 e 1988.

Por isso, pode-se perceber a demora que o livro teve em chegar ao público brasileiro. Em 1971, Oliveiros S. Ferreira (1971) publica seu *Nossa América: Indoamérica*, pela Livraria Pioneira Editora e Editora da Universidade de São Paulo,

trabalho que havia terminado de escrever em novembro de 1966 e que, mesmo tendo como foco principal Haya de la Torre, iria discutir (por ser assunto obrigatório num caso como esse) Mariátegui e seu pensamento. É interessante notar que o primeiro livro acadêmico de peso *publicado* sobre a questão política, teórica e histórica da Indo-América naquela década tenha focalizado prioritariamente Haya e não Mariátegui, ainda que este tenha recebido alguma atenção na obra. No mesmo ano, também foi publicado um texto de Nanci de Carvalho Brigadão, “José Carlos Mariátegui: uma interpretação”, no número 8 da revista *Dados*. Só que o fato fundamental daquela década em relação a Mariátegui foi, de fato, a publicação dos *Sete ensaios* no país, por iniciativa de Florestan.

É nessa mesma época que outros intelectuais e dirigentes políticos de esquerda importantes irão conhecer ou se aprofundar na obra do jornalista. O futuro membro da direção nacional do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), João Pedro Stedile, iria tomar conhecimento dos *Sete ensaios* entre 1975 e 1976, a partir de uma versão em espanhol. Ainda que ele não dominasse os conceitos fundamentais de Mariátegui, a obra lhe causaria bastante impacto e lhe chamaria a atenção por se tratar de um estudo sobre o contexto histórico peruano que mesclaria questões ligadas a etnias e classes sociais. Ele teria gostado do texto especialmente por sua preocupação em analisar a realidade daquele país sem esquemas predeterminados e independente de rótulos.<sup>12</sup>

Michael Löwy também se entusiasmaria com o pensamento de Mariátegui no mesmo período, em meados da década de 1970, quando comprou a coleção de suas obras completas numa visita que fazia ao México. Ele já havia realizado uma conferência em 1960, para um círculo marxista na USP, sobre o “socialismo na América Latina”, na qual fizera extensa referência ao teórico peruano. Esse fato, por si só, já o coloca, mesmo que marginalmente, entre os pioneiros do mariateguismo no Brasil. Mas sua palestra teria sido preparada a partir de fontes secundárias. Quando a edição francesa dos *Sete ensaios* foi lançada em 1968 pela Maspero, a obra naquele momento, contudo, não lhe chamou a atenção. Só mesmo quando adquiriu a mariateguiana no México é que começou a estudar *sistematicamente* o autor de *La escena contemporánea*. Por isso, ele iria dar destaque a Mariátegui em sua antologia do marxismo na América Latina, editada em 1980 pela mesma Maspero. Ou seja, sua recepção foi irregular, mas resultou em obras e artigos importantes, publicados em diversos países, sobre o teórico peruano.<sup>13</sup>

Vale aqui salientar o próprio foco de Löwy em relação aos trabalhos de Mariátegui. Pode-se ou não concordar com suas interpretações, mas é importante reconhecer que ele conseguiu ver Mariátegui de maneira totalizante, mais ampla, e que sua abordagem teve uma sofisticação maior que várias anteriores em nosso país, que focalizavam aspectos isolados do pensamento e da obra do teórico peruano. Löwy iria apresentar o lado literário e cultural de Mariátegui (extremamente importante para compreender suas ideias) e ao mesmo tempo associá-lo intrinsecamente a seu marxismo e à sua militância política. Afinal, Mariátegui não era uma



figura “chapada”, unidimensional, mas, pelo contrário, extremamente complexa e multifacetada, que trabalhou, *em grande parte de seus escritos*, com temas literários, filosóficos e culturais. Nunca, porém, se pode deixar de lado seu aspecto político, extremamente criativo e original (tanto no que diz respeito aos artigos jornalísticos e de opinião como na construção da Central Geral dos Trabalhadores do Peru CGTP e do Partido Socialista), seminal para qualquer entendimento do Peru contemporâneo. Nesse caso, Löwy conseguiu (mesmo que se possa discordar de algumas de suas interpretações) trabalhar com o pensamento de Mariátegui, como dissemos, de forma mais abrangente, o que é, certamente, um mérito. De qualquer forma, em relação ao histórico das leituras de Mariátegui, nem Stedile, nem Löwy, como se pode perceber, se aproximou de Mariátegui a partir da edição brasileira dos *Sete ensaios*, mas de edições em espanhol.

Em 1980, José Paulo Netto publicaria o artigo “O contexto histórico-social de Mariátegui”, na *Encontros com a Civilização Brasileira*, número 21, e aproximadamente na mesma época da antologia francesa de Löwy, naquela década, Florestan Fernandes também coordenaria, no Brasil, uma coleção de obras compiladas de “cientistas sociais” na qual estaria incluída uma seleção de textos do jornalista (Belloto & Correa, 1982) e, mais tarde, também publicaria (em 1994) o importante artigo “O significado atual de José Carlos Mariátegui”, numa revista acadêmica.

Florestan colocaria a importância de Mariátegui não só no campo acadêmico, mas como uma figura fundamental para discutir os caminhos que poderia tomar o socialismo na década de 1990, quando a União Soviética e o bloco socialista haviam se esfacelado. Para Fernandes (1994, p.6), portanto, Mariátegui seria “o intelectual marxista mais puro e apto para perceber o que sucedeu; e, se estivesse vivo, para traçar os caminhos de superação que ligam dialeticamente a terceira revolução capitalista à plenitude madura do marxismo revolucionário”. Ou seja, para Florestan, Mariátegui “é o farol que ilumina, dentro da pobreza e do atraso da América Latina, os limites intransponíveis da civilização capitalista e as exigências elementares da ‘civilização sem barbárie’, que as revoluções proletárias não lograram concretizar” (ibidem, p.7). E então, concluía, dizendo que “se tivesse vivido até hoje, travaria muitos embates a favor e contra deslocamentos das revoluções proletárias e não fugiria às constrictões impostas por esta época, que alarga e complica as tarefas teóricas e práticas dos que se pretendiam marxistas” (ibidem, p.8).

Dos anos 1980 para cá foram publicadas no Brasil algumas coletâneas de Mariátegui, entre as quais uma reunião de textos políticos, *Por um socialismo indo-americano*, traduzido por Luiz Sérgio Henriques e organizado e prefaciado por Michael Löwy, publicado pela editora da UFRJ, Rio de Janeiro, em 2005; duas pequenas biografias intelectuais, a primeira de Héctor Alimonda, *José Carlos Mariátegui*, pela Brasiliense, em 1983, e mais tarde, de Leila Escorsim, *Mariátegui, vida e obra*, pela Expressão Popular, em 2006; dois livros traduzidos, organizados e prefaciados por Luiz Bernardo Pericás, *Do sonho às coisas*, pela Boitempo, em

2005, e *Mariátegui sobre educação*, pela Xamã, em 2007; assim como *José Carlos Mariátegui e o marxismo na América Latina*, organizado por Enrique Amayo e José Antônio Segatto, pela Unesp e Cultura Acadêmica, em 2002, e uma nova edição dos *Sete ensaios*, traduzida por Felipe José Lindoso, com prefácio de Rodrigo Montoya, pela Clacso e Expressão Popular, em 2008. Organizado e prefaciado por Pericás, saiu, em 2010, pela Alameda Editorial, *As origens do fascismo*; uma coletânea de textos sobre a Rússia, também organizada por Pericás, está programada para este ano pela Brasiliense. Em relação à produção ensaística desse período, o texto de Alfredo Bosi (1990, p.50-61), “A vanguarda enraizada: o marxismo vivo de Mariátegui”, publicado na revista *ESTUDOS AVANÇADOS*, do Instituto de Estudos Avançados da USP, merece ser destacado. Diversas teses acadêmicas sobre Mariátegui têm sido preparadas e defendidas em distintas universidades brasileiras, e o mais importante movimento social do país, o MST, ministra cursos sobre o teórico político peruano. Mas ainda há um longo caminho a ser trilhado para que o pensamento desse autor (comparado em muitos aspectos a Antonio Gramsci) seja mais bem difundido aqui.

A lenta penetração de Mariátegui no Brasil talvez se deva a três motivos principais. Primeiro, o Peru era um país marginal para o Brasil, em termos culturais. Os Estados Unidos, a Europa, e até mesmo a Argentina e o México, apesar da distância física, tinham não só maior contato com nosso país, como possuíam uma estrutura editorial e divulgação literária muito mais fortes do que a nação andina, que também apresentava uma conformação étnica e histórica em vários aspectos bastante diferentes da nossa.

No interessante artigo “O marxismo no Brasil: das origens a 1964”, Edgard Carone (2004, p.17-74) mostra como se deu a recepção da literatura marxista em nosso país. Os livros, *de facto*, só começam a circular com maior abundância depois da revolução russa. Com a fundação do PCB, há um impulso na divulgação das obras marxistas. Ao longo dos anos, uma quantidade significativa desses livros foi importada da Rússia (ou de edições soviéticas editadas na Suíça); da Argentina, como a Editorial La Internacional (ligado ao PC argentino) e a Editorial Claridad; da França, como as editoras Girard et Brière, Felix Alcan, Marcel Rivière, Stock, Schleicher Frères, Librairie du Travail, Éditions Sociales Internationales, Alfred Coste, Presses Universitaires de France, Bernard Grasset, Armand Colin, Payot, Seuil, Galimard, Librairie de “L’Humanité”, Bibliothèque Française, Éditions Sociales, Éditions Hier et Aujourd’hui e Les Éditeurs Français Reunis; da Espanha, a Biblioteca Nueva, a Biblioteca Internacional, a Europa-América e a Cenit; do México, a Fondo de Cultura Económica e a Ediciones Frente Cultural; e do Chile, a Zig-Zag e a Ercilla, por exemplo. O público brasileiro terá acesso, em língua estrangeira, a obras de Jacques Sadoul, Lenin, Radek, Wanine, Trotsky, Zinoviev, Clara Zetkin, Sylvia Pankhurst, René Marchand, Victor Serge, Varga, Molotov, Stalin, Rosa Luxemburg, Alexandra Kollontai, Otto Bauer, Jean Jaurès, Marthe Bigot, Rikov, Riazanov, Plekhanov, Bukharin, Thomas Rothstein, Marcel Prenant, Jean Baby, Lucien Henry, Paul Nizan, Togliatti, Bebel, Adoratski,



Dimitrov, Litvinov, Losovsky, Lang, Manuilski, Iarolavski, Vorochilov, Kirov, Kálinin, Mehring, Tristán Marof e Alfredo Palacios, assim como a de romancistas estrangeiros conhecidos como Máximo Gorki, Lebedinski, Fedor Gladkov, Fadeiev, Fourmanov, Alexander Serafimovich, Deminov, Adveenko, John dos Passos, Sinclair Lewis, Kataev, Sholokov e Romain Rolland, entre vários outros. Mas os livros peruanos, *grosso modo*, não chegam por aqui, salvo a título pessoal, tendo alguém comprado a obra por lá ou recebido de um correspondente naquele país. Dentro dessa situação, os livros de Mariátegui, por isso, também não iriam chegar ao Brasil, como se pode perceber.

Outro motivo para que a obra de Mariátegui não fosse de fácil acesso aos militantes daqui é o fato de o Partido Comunista do Brasil, vinculado ao Comintern (a organização que teria condições de divulgar a obra de Mariátegui), também não ter, necessariamente, interesse em propagar as ideias mariateguianas, que, de acordo com vários membros da IC, eram “desvios” ideológicos, populistas e contrários ao que Moscou defendia. É bom lembrar que, na Primeira Conferência Comunista Latino-Americana de Buenos Aires, Vittorio Codovilla fizera questão de desdenhar publicamente os *Sete ensaios* diante de delegados de outros países do continente. Ele teria um papel importante em desmerecer o livro de Mariátegui e fazer que suas opiniões fossem ouvidas e aceitas pelos outros enviados da região.<sup>14</sup> Ou seja, para a Internacional, os *Sete ensaios* era um livro de pouca importância, resultando em uma acolhida muito reduzida entre a maior parte dos meios comunistas (Flores Galindo, 1994, p.502). Leôncio Basbaum (1964, p.378-9), no apêndice da segunda edição brasileira de seu *Sociologia do materialismo*, publicado em São Paulo, em 1959, diria que

no Brasil o dogmatismo foi ainda mais longe, chegando às vezes a alcançar o ridículo. O Comitê Central do Partido Comunista, responsável pela divulgação do marxismo e por fiscalizar os “contrabandos ideológicos”, *proibia* a seus membros trabalhos teóricos originais. Sua revista teórica *Problemas* publicava só traduções de artigos soviéticos. Unicamente se permitia, aos escritores membros do Partido, escrever romances no estilo “realismo socialista”, e estas obras só podiam ser publicadas depois de sua aprovação pelo Comitê Central. Agora, quando se sabe que esse Comitê Central está integrado por pessoas que, salvo duas ou três exceções, nunca leram um livro de nenhum tipo depois de sair da escola, é fácil avaliar o grotesco dessa situação.

Finalmente, o próprio Mariátegui, que costumava escrever sobre os acontecimentos mundiais e fatos relacionados a vários países, praticamente não menciona o Brasil em suas dezenas de artigos. Ele chegou a escrever sobre nações tão distantes como a Inglaterra, a Irlanda, a Turquia, a França, a Índia e a China, entre muitas outras. Somente sobre a Rússia, escreveu em torno de 50 artigos, que discutiam desde perfis de escritores e personalidades do governo até eventos da Revolução de Outubro, crítica literária, política externa e análises da situação interna do processo revolucionário. Mas, mesmo estando supostamente tão próximo do Brasil, nunca elaborou um texto sequer *exclusivamente* sobre nosso

país. Isso quando ocorriam, no cenário brasileiro, eventos importantes, como o movimento modernista, o tenentismo, a Coluna Prestes e o cangaço. O autor de *La escena contemporánea* irá mencionar o Brasil muito poucas vezes, apenas em pinceladas, para discutir, rapidamente (mas não unicamente), a questão das “raças” no continente. Vale recordar que boa parte do que ele comenta em relação aos índios e negros no Brasil são “transcrições” do relatório do delegado brasileiro na Conferência de Buenos Aires, e não texto *exclusivamente* seu.<sup>15</sup> E que suas conclusões em relação ao tema foram bastante influenciadas pela análise do militante do PCB na ocasião. Mas se compararmos o que ele *efetivamente* escreveu sobre o Brasil com o que falou de outras nações (e de outros temas), poderemos perceber que nosso país não recebeu grande atenção por parte de Mariátegui.

Em seu artigo “Blaise Cendrars”, por exemplo, Mariátegui citaria um breve trecho do poema do poeta franco-suíço sobre sua chegada a São Paulo.<sup>16</sup> O poema dizia: “*Enfin on entre en Gare/ Saint-Paul /Je crois être en gare de Nice/ Ou débarquer a Charing-Cross à Londres/ Je trouve tous mes amis/ Bonjour/ C’est moi*”.<sup>17</sup> Nesse caso, Mariátegui (1988a, p.109) diria apenas, sem maior interesse pela cidade, que “não é possível duvidar. É Blaise Cendrars que chega a São Paulo”.

Cendrars esteve no Brasil, onde viajou extensamente com artistas e poetas brasileiros. Tornou-se muito amigo dos modernistas, como Oswald e Mário de Andrade. Sua viagem rendeu um livro completo de poemas sobre o país, *Feuilles de route sud-américaines*, com ilustrações de Tarsila do Amaral e dedicado a Paulo Prado, Mário de Andrade, Sérgio Milliet, Tácito de Almeida, Couto de Barros, Rubens de Moraes, Luís Aranha, Oswald de Andrade, Yan, Graça Aranha, Sérgio Buarque de Hollanda, Prudente de Moraes neto, Guilherme de Almeida, Ronald de Carvalho, Américo Facó e Leopoldo de Freitas. Cendrars faria três viagens ao Brasil, em 1924, 1926 e entre 1927 e 1928, que seriam muito importantes tanto para ele como para os artistas modernistas brasileiros.<sup>18</sup> Mesmo assim, Mariátegui (que, ao que tudo indica, havia lido o livro de Cendrars) parece não ter se interessado em descrever algumas dessas experiências, nem o encontro de um artista europeu importante com uma cultura latino-americana. Todos os poemas descritivos da experiência brasileira de Cendrars foram deixados de lado, ou seja, nem mesmo mencionados, como se o fato em si não tivesse interessado o peruano. Algo certamente bastante inusitado nesse caso.

É bom lembrar também que o jornalista peruano se correspondia regularmente (ou pelo menos chegou a trocar algumas cartas) com importantes intelectuais e personalidades políticas de vários países, como Juan Marinello, Enrique José Varona e Emilio Roig, de Cuba; Samuel Glusberg, José Malanca e Manuel Ugarte, na Argentina; Waldo Frank, nos Estados Unidos; Henri Barbusse e Romain Rolland, na França; Alfonso Reyes e José Vasconcelos, no México; Miguel de Unamuno, na Espanha; Eduardo Barrios, Fernando Binvignat e Gabriela Mis-

tral, no Chile; e Tristán Maróf, na Bolívia, entre muitos outros (Luna Vegas, 1985, p.57-91). Já em relação ao Brasil, como vimos anteriormente, não houve troca de cartas significativa com nenhum intelectual importante do nosso país.

Em realidade, diferentes estudiosos da obra de Mariátegui, como Antonio Melis e Harry Vanden, concordam que seu interesse pelo Brasil não era central. De acordo com Melis, “o interesse de Mariátegui em relação ao Brasil aparece indiretamente numa carta que o poeta e diplomata Enrique Bustamante y Ballivián<sup>19</sup> lhe envia do Rio de Janeiro em junho de 1926. Infelizmente... se perderam quase todas as cartas de Mariátegui a Bustamante”.<sup>20</sup> Mas o mariateguista italiano afirma que Mariátegui teria estabelecido contatos com a *Revista de Antropofagia*, e que ele, Melis, teria encontrado alguns exemplares daquela publicação no Arquivo do Amauta. Mas ressalva que, de forma geral, contudo, a escassez de contatos com o país era evidente. E que o trabalho de aproximação com intelectuais brasileiros, que estava sendo realizado por Bustamante, não prosperou, já que ele foi removido como diplomata para Montevidéu.

É interessante mencionar aqui que Mário de Andrade era grande admirador de Bustamante, que havia traduzido e publicado uma importante coletânea de poetas brasileiros. Os poetas escolhidos para figurar em seu *Nueve poetas nuevos del Brasil* eram Guilherme de Almeida, Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Ronald de Carvalho, Gilka Machado, Cecília Meireles, Murilo Araújo, Ribeiro Couto e Tasso da Silveira. O autor de *Macunaíma* diria, num artigo publicado no *Diário Nacional*, em 14 de dezembro de 1930, que Bustamante y Ballivián era um verdadeiro amigo.<sup>21</sup>

Bustamante, de fato, era próximo de vários artistas e intelectuais brasileiros. Uma resenha dos *Anti-poemas* e de *Odas vulgares*, assinada por Andrade Murici, saiu no número 2 de *Festa*, em novembro de 1927; outra sobre os *Anti-poemas* no número 6, de março de 1928; três poemas traduzidos do poeta peruano com crítica do mesmo Andrade Murici, no número 9; e então mais dois poemas de Bustamante y Ballivián, em julho de 1928, naquela mesma publicação (Antelo, 1986, p.114).

O já citado Raúl Antelo, por seu lado, chega a afirmar que Mariátegui teria se encontrado, ainda na Itália, com o pintor brasileiro Paulo Rossi Osir, vinculado a Cândido Portinari, e que este oficiaria supostamente o contato entre o jornalista peruano e os modernistas brasileiros.<sup>22</sup> Não há, contudo, nenhuma indicação concreta desse encontro (pelo menos nas fontes peruanas) ou qualquer troca de cartas registrada na correspondência completa de Mariátegui, em dois volumes, organizada por Antonio Melis a pedido da família do teórico peruano, ainda que, vale a pena recordar, muitas epístolas que pertenciam ao jornalista tenham se perdido. O mais provável é que Mariátegui não tenha conhecido pessoalmente Rossi Osir. Mas seguramente sabia quem era. Quem primeiro fala dele a Mariátegui é o pintor vanguardista argentino Emilio Pettoruti, somente em 1929, ou seja, vários anos depois da permanência do jornalista peruano na Itália. Em carta escrita no Rio de Janeiro e datada de 13 de março de 1929, Pettoruti escreve a seu colega peruano

que “logo lhe enviarei um artigo sobre o pintor brasileiro (o único e o melhor) que estou seguríssimo que lhe interessará... O amigo pintor se chama: Paulo C. Rossi Osir”.<sup>23</sup> Um ano mais tarde, em 13 de fevereiro de 1930, Pettoruti envia outra carta, sugerindo que Mariátegui procurasse seu amigo Osir, que morava na Rua Ipiranga número 19, para indicar uma livraria onde a *Amauta* pudesse ser vendida em São Paulo.<sup>24</sup> Pettoruti, até mesmo, sugere que Mariátegui o nomeie “correspondente” ou “o que ele quisesse” (in Melis, 1984, p.729). Para o argentino, Osir e Guignard eram “os únicos pintores interessantes do Brasil” (ibidem). Dizia ele que Guignard “tem 37 anos e tem 36 anos de Europa; me escreve em francês e falamos em francês e italiano” (ibidem). Também sugere que Mariátegui escreva para o poeta chileno Gerardo Seguel, que vivia na Praça Mauá<sup>25</sup> número 7, no Rio, já que ele estava a par de “todo” o movimento brasileiro e lhe poderia indicar uma livraria (ibidem). Seguel, de fato, era também bastante amigo de muitos intelectuais no Brasil e colaborador de revistas literárias de vanguarda do país naquela época.

Assim, o que podemos perceber é que alguns dos principais enlacs *identificáveis* de Mariátegui para sua possível penetração no Brasil teriam sido, em diferentes graus de importância, Enrique Bustamente, Emilio Pettoruti, Paulo Rossi Osir e Gerardo Seguel. Mas os contatos continuaram escassos e pouco sólidos. E, ao que tudo indica, não tiveram êxito. É bom recordar, entretanto, que é bastante possível que outros intelectuais, brasileiros ou estrangeiros, possam ter ajudado, de alguma maneira, a fazer esses contatos, ainda que, ao que tudo indica, sem grande sucesso. Um dos intelectuais que estiveram no Peru e no Brasil, amigo tanto de Mariátegui como de artistas e literatos brasileiros, era o norte-americano Waldo Frank, que pode ter feito algumas aproximações entre Mariátegui e os modernistas de nosso país. De qualquer forma, o interesse de Mariátegui em se aproximar de intelectuais e artistas brasileiros era relativamente pequeno, mas ainda assim continuou presente em suas preocupações até o final da vida. Outro detalhe interessante é que Mariátegui tenta se relacionar com o Brasil por meio da *arte e cultura*, especialmente com pintores e poetas, e não pela via “política”, pelo Partido Comunista do Brasil, com o qual, aparentemente, não manteve ligação ou algum relacionamento.

Isso é, de qualquer forma, compatível com a relação de Mariátegui com o Comintern na época. Em 1930, Mariátegui, que já planejava se mudar para Buenos Aires com sua família havia alguns anos, decidiu finalmente ir viver na capital portenha (Flores Galindo, 1982a, p.499-500). Aparentemente já havia até alugado um apartamento lá. Mas todas as suas gestões para a mudança de país estavam sendo apoiadas por seu amigo Samuel Glusberg, poeta e ensaísta judeu, editor de *La vida literária* e diretor da Editora Bebel, e não por seu partido ou pelos militantes da Internacional. Foi por intermédio de Glusberg que Mariátegui tomou contato com Leopoldo Lugones, relação que se estendeu até Jorge Luis Borges, a quem a Editora Minerva enviou poemas de Eguren. Glusberg também mandou a Mariátegui os ensaios de Pedro Henríquez Ureña. Nenhum desses in-

divíduos supracitados era marxista. E, como apontou Alberto Flores Galindo, seria difícil encontrar tantos personagens mais diferentes do que Vittorio Codovilla e os membros do Comintern. Aqueles intelectuais eram vistos pela Internacional como “pequenos burgueses”. Ou seja, Mariátegui aparentemente havia feito sua escolha em termos de com quem se relacionar e a quem pedir apoio. E sua opção teria sido, naquele momento específico, aparentemente mais voltada ao lado cultural (ibidem, p.501).

O conhecimento da intelectualidade brasileira em relação a Mariátegui, de forma geral, portanto, ainda era restrito. Mário de Andrade, por exemplo, aparentemente não possuía nenhuma obra de Mariátegui, mas certamente o conhecia, mesmo que marginalmente, já que tinha, em sua biblioteca, o último dos 34 números da revista punenha *Boletín Titikaka* (fundada em 1925, mas que começara a ser publicada efetivamente em 1926 pelo Grupo Orkopata, liderado pelos irmãos Alejandro e Arturo Peralta, mais conhecido como Gamaliel Churata), edição essa lançada em 1930 e dedicada ao jornalista (ibidem).<sup>26</sup> Na verdade, dos peruanos, o autor mais lido por Mário foi Alberto Guillén, e foi por intermédio dele que teve o maior contato com os *Sete ensaios* de Mariátegui. Em *Cancionero*, de 1934, que Mário possuía em sua biblioteca particular, é reproduzido um comentário de Mariátegui sobre Guillén retirado dos *Sete ensaios*. Talvez não seja muito, mas algo de Mariátegui era conhecido por Mário, ainda que, também, especialmente, sobre a arte e cultura (Antelo, 1986, p.130-1, 254).

A biblioteca pessoal de Mariátegui, que foi doada posteriormente à Universidade de San Marcos, era pequena, com aproximadamente 350 livros catalogados, sem contar com alguns outros poucos, que foram vendidos, roubados ou presenteados a terceiros por seus familiares.<sup>27</sup> Nela, a presença brasileira era ínfima. Só constavam dois livros de autores brasileiros, *Chimica* (curso secundário), de Álvaro Soares Brandão, publicado em São Paulo, em 1927, e *A passo de gigante*, de Hélio Lobo, editado no Rio de Janeiro pela Imprensa Nacional em 1925. É possível que ele tivesse outros, atualmente perdidos. De qualquer forma, nenhum dos livros registrados era importante, nem marcou ou influenciou decisivamente o pensamento de Mariátegui. E nenhum dos quais, ao que tudo indica, foi citado por Mariátegui em sua obra.

Pode-se dizer também que não há *nenhum* reflexo ou influência *direta* entre os modernistas brasileiros e a revista *Amauta*, apesar de quaisquer possíveis tentativas de aproximação entre Mariátegui e aqueles intelectuais. É bom lembrar que a *Amauta* nunca publicou um autor brasileiro sequer em suas páginas, tampouco nenhum artigo *exclusivo* sobre nosso país. Pettoruti, ainda que tivesse a intenção de preparar e enviar um texto sobre Paulo Rossi Osir para a *Amauta*, não o fez, e aquele que poderia ser possivelmente o único artigo sobre um artista brasileiro não foi publicado na revista. O mesmo pode ser dito da *Revista de Antropofagia*, que divulgava *quase* que exclusivamente poetas, artistas e escritores nacionais (a colaboração internacional era ínfima) e que em momento algum publicou ou sequer mencionou Mariátegui em suas páginas.



A *Amauta* era, de longe, mais elaborada e profunda, uma publicação mais encorpada, com maior número de colaboradores e melhor conteúdo. Enquanto a *Revista de Antropofagia*, tanto em sua primeira “dentição” (com apenas dez números) como na segunda (as duas entre 1928 e 1929), era extremamente curta, indo de oito páginas em seus números iniciais até apenas uma (como suplemento do jornal *Diário de São Paulo*, posteriormente), a *Amauta*, que durou de setembro de 1926 a setembro de 1932, tinha 40 páginas em seu primeiro número, 44 do número 2 ao 16, 104 páginas do número 17 ao 30, e 84 nas edições 31 e 32, caracterizando-se por uma publicação de maior fôlego (Tauro, 1987a, p.14-5). A *Amauta* também publicava assuntos mais variados, como poesia, contos, fragmentos de romances, teatro, narrativas de viagem, crítica literária, filologia, linguística, arte, pintura, escultura, arquitetura, dança, música, cinema, filosofia, religião, educação, antropologia, folclore, sociologia, direito, relações internacionais, imperialismo, problemas mundiais, história, economia, movimento operário e questão indígena. Aquela revista publicou textos de Pablo Neruda, André Breton, Vladimir Maiakovski, Waldo Frank, Henri Barbusse, Boris Pilniak, Jean Cocteau, Marinetti, Miguel de Unamuno, César Vallejo, Jorge Luis Borges, Vicente Huidobro, Tristán Maróf, Magda Portal, Lunatcharsky, Romain Rolland, Máximo Gorki, Haya de la Torre, Diego Rivera, José Ortega y Gasset, Sigmund Freud, Nicolai Bukharin, George Plekhanov, Piero Gobetti, José Ingenieros, José Vasconcelos, Tina Modotti, Jesús Silva Herzog, Georges Sorel e León Trotsky, entre muitos outros.

A *Revista de Antropofagia*, por sua vez, bastante confusa em termos ideológicos e com pouquíssimo estofo teórico (ainda que em momentos publicasse alguns textos e poemas que se tornariam importantes na literatura brasileira), chega a afirmar que “somos contra os fascistas de qualquer espécie e contra os bolchevistas também de qualquer espécie” (Campos, 1976, p.10). Para esses modernistas, Marx seria um dos melhores românticos da antropofagia (ibidem). Algo inimaginável para a *Amauta*. Afinal de contas, na época da publicação da *Amauta*, Mariátegui já se declarava “um marxista convicto e confesso”. Suas opiniões políticas eram maduras, e sua relação com o movimento operário, real e cada vez mais estreita. Afinal de contas, Mariátegui seria o fundador da Central Geral dos Trabalhadores do Peru e do Partido Socialista (depois Comunista), e, mesmo preocupado com arte e literatura, era também um *organizador político*, sabendo claramente qual era sua afiliação ideológica; assumia-se indiscutivelmente como um *marxista* e tinha vínculos estreitos com o movimento operário. Muitos pesquisadores brasileiros, que ressaltam excessivamente seu lado de literato, parecem se esquecer disso. Por isso, não se pode comparar livre ou impunemente Mariátegui com os modernistas brasileiros, mesmo que alguns daqueles tenham tido algumas inclinações ao marxismo ou ao socialismo de forma geral. É claro que há pontos de contato, algumas semelhanças e a absorção do clima estético, político e literário da época. Mas sempre temos de ver esses aspectos a distância e evitar fazer paralelos que indiquem uma aproximação ideológica maior entre as duas revistas e seus colaboradores e editores do que de fato ocorreu.



A *Revista de Antropofagia* se diria defensora do divórcio, da “maternidade consciente”, da nacionalização da imprensa, da supressão das academias (que seriam substituídas por laboratórios de pesquisa) e do ensino leigo nas escolas (ibidem, p.16). Mas suas opiniões eram epidérmicas, só riscavam a superfície, não indo ao fundo das questões. Na década de 1950, Oswald de Andrade tentaria dar uma explicação um pouco mais sofisticada para o momento antropofágico, explicação essa que quiçá tivesse, de alguma forma, afinidade (ainda que muito relativa) com o trabalho de Mariátegui produzido vários anos antes. Mas essa análise oswaldiana vem *a posteriori*, a partir de uma reflexão mais madura e abrangente.<sup>28</sup> Análise um pouco mais sofisticada, talvez, mas que não estava presente, com clareza nem profundidade, na época em que se editava a revista. Outras publicações no continente *possivelmente* se assemelhavam mais à revista fundada por Mariátegui, em termos de vanguarda estética combinada com militância política, como a argentina *Revista de Filosofía*, fundada por José Ingenieros e editada entre 1915 e 1929; a *Claridad*, do mesmo país (Fornet-Betancourt, 1995, p.106-11); a cubana *Revista de Avance*; a *Repertorio Americano*, da Costa Rica; e as norte-americanas *Seven Arts* e *The Masses*, de Nova York, esta última em sua fase áurea, de 1911 a 1917, entre outras (Fishbein, 1982; Draper, 1957).

Como pudemos perceber, a relação de Mariátegui com o Brasil sempre foi tênue. A intelectualidade brasileira nunca deu a devida atenção à obra de Mariátegui, que passou, em grande medida, despercebido da maioria dos escritores e políticos do país. Poucos leram seus livros ao longo das décadas, e pouco foi produzido a partir de suas ideias. Mesmo os marxistas brasileiros tiveram acesso restrito a seus livros. Sua influência no meio acadêmico e partidário foi certamente limitada, por todos os motivos já apresentados neste trabalho.

De qualquer forma, no Peru, as comemorações dos oitenta anos dos *Sete ensaios*, em 2008, que foram organizadas por um comitê encabeçado pelo filho mais velho de Mariátegui, Sandro Mariátegui, e um conselho consultivo que incluía intelectuais locais e estrangeiros importantes, como Aníbal Quijano, Antonio Melis, Michael Löwy e Alberto Aggio, entre vários outros, deram novo impulso aos estudos mariateguianos. Simpósios e publicações estiveram na pauta da equipe, assim como a intenção de produzir novas edições de sua obra e a criação de uma cátedra com o nome de Mariátegui na Universidade de San Marcos. Só falta agora o público brasileiro conhecer mais profundamente os trabalhos desse grande intelectual. Novos livros, artigos e conferências certamente ajudarão a divulgar melhor para nossos leitores sua vida e seu pensamento.

## Notas

- 1 Para mais informações sobre a infância e juventude de Mariátegui, ver Luna Vegas (1989), Tauro (1987b, p.7-64), Flores Galindo (1982b) e Rouillon (1975).
- 2 Para mais informações sobre Mariátegui na Itália, ver Paris (1981), Wiese (1987), Mariátegui (1987a) e Nuñez (1994).

- 3 Sandro Mariátegui, correspondência com Luiz Bernardo Pericás, Lima, 1º de abril de 2008 (as informações que seguem referem-se a essa correspondência).
- 4 Carta de Álvaro Soares Brandão a José Carlos Mariátegui, em Melis (1984, p.407).
- 5 Raúl Antelo, correspondência com Luiz Bernardo Pericás, 25 de agosto de 2008.
- 6 Hersch Basbaum, correspondência com Luiz Bernardo Pericás, outubro de 2008.
- 7 Wladimir Pomar, correspondência com Luiz Bernardo Pericás, agosto de 2008. Para mais detalhes sobre a formação política e ideológica de Pedro Pomar, ver Wladimir Pomar (2003).
- 8 Carta de Luiz Carlos Prestes escrita no Rio de Janeiro, com data de 14 de abril de 1960, dirigida ao Comitê Central do PCP, e publicada com o título “Luis Carlos Prestes a nombre de comunistas y pueblos Brasileño expresa su homenaje a Mariátegui”, em *Unidad* (Lima, 21 de abril de 1960, p.2)
- 9 Paulo Teixeira Iumatti, correspondência com Luiz Bernardo Pericás, abril de 2008.
- 10 Ver Brandão (1978). Para mais detalhes sobre a formação intelectual de Octávio Brandão, ver também Konder (1991).
- 11 Cláudio Nascimento, correspondência com Luiz Bernardo Pericás, outubro de 2008.
- 12 João Pedro Stedile, correspondência com Luiz Bernardo Pericás, setembro de 2008.
- 13 Michael Löwy, correspondência com Luiz Bernardo Pericás, setembro de 2008.
- 14 Para mais informações sobre a Primeira Conferência Comunista Latino-Americana de Buenos Aires e a participação de Vittorio Codovilla, ver Flores Galindo (1994).
- 15 Para mais informações sobre a questão dos negros na obra de Mariátegui, ver Forgues (1995, p.77-100) e Mariátegui (1987d, p.128-30).
- 16 Ver, de José Carlos Mariátegui, “Blaise Cendrars”, publicado originalmente in *Variedades* (Lima, 26 de setembro de 1925) e reproduzido em Mariátegui (1988a, p.105-14).
- 17 Na tradução de Sérgio Wax: “Enfim eis umas fábricas uma periferia um bonde pequeno/ bonitinho/ Cabos elétricos/ Uma rua cheia de gente que vai fazer suas compras da noite/ Um gasômetro/ Enfim entra-se na estação/ São Paulo/ Parece-me estar na estação de Nice/ Ou desembarcar em Charing-Cross em Londres/ Encontro todos os meus amigos/ Bom dia/ Sou eu” (ver Cendrars, 1991, p.105). Há também outra versão em português desse poema, no livro organizado por Eulálio & Calil (2001, p.39): “Enfim fábricas, um certo subúrbio, um bondinho engraçado [...] / Um gasômetro/ Entramos afinal na estação/ São Paulo/ Até parece que estou na estação de Nice/ Ou desembarco na Charing Cross de Londres/ Encontro todos os meus amigos/ Bom dia/ Sou eu”.
- 18 Para mais detalhes sobre a presença de Blaise Cendrars no Brasil, ver Eulálio & Calil (2001).
- 19 A opinião de Mariátegui em relação ao trabalho de Enrique Bustamante e a importância desse intelectual podem ser vistas nos breves comentários sobre seu colega no capítulo “O processo da literatura”, em Mariátegui (1988c). Enrique Bustamante também colaborou com a revista *Amauta*, publicando os poemas “Nubes” e “Sombrá”, no n.8, p.26 (ver Tauro, 1987a, p.22).
- 20 Antonio Melis, correspondência com Luiz Bernardo Pericás, 6 de julho de 2008.
- 21 Ver Mário de Andrade, “Bustamante y Ballivián”, in *Diário Nacional*, domingo, 14 de dezembro de 1930, citado em Antelo (1986, p.186-8).

- 22 Raúl Antelo, correspondência com Luiz Bernardo Pericás, 25 de agosto de 2008.
- 23 Ver carta de Emilio Pettoruti a José Carlos Mariátegui, de 13 de março de 1929, em Melis (1984, p.526). Ver Tarcus & Longoni (2001, p.10-21).
- 24 Ver carta de Emilio Pettoruti a José Carlos Mariátegui, de 13 de fevereiro de 1930, em Melis (1984, p.729).
- 25 Talvez por dificuldades em compreender a caligrafia de Pettoruti, o endereço citado na carta, transcrito em livro, foi colocado como “Praça Maná”, uma aparente confusão com as letras “n” e “u”, quando o mais provável é que, de fato, o endereço fosse “Praça Mauá”, local muito conhecido naquela cidade.
- 26 Para mais informações sobre o *Boletín Titikaka* e seus editores e colaboradores, ver Cortés (s. d.). Ver também Antelo (1986, p.273).
- 27 Antonio Melis, correspondência com Luiz Bernardo Pericás, 31 de julho de 2008; e Harry Vanden, depoimento a Luiz Bernardo Pericás, São Paulo, 31 de julho de 2008.
- 28 De acordo com Augusto de Campos (1976, p.16-7): “Em *A marcha das utopias e A crise da filosofia messiânica*, na década de 50, Oswald procura dar mais consistência às suas idéias em torno da Antropofagia, vista como ‘uma filosofia do primitivo tecnizado’. Fundindo observações colhidas em vários autores, mas principalmente em Montaigne (‘De Cannibalis’), Nietzsche, Marx e Freud, redimensionados pelas teses de Bachofen sobre o Matriarcado, cria sua própria Utopia de caráter social (No fundo de cada Utopia não há somente um sonho, há também um protesto)”. Continua: “Imaginava o poeta que as sociedades primitivas seriam capazes de oferecer modelos de comportamento social mais adequado à reintegração do homem no pleno gozo do ócio a ser propiciado pela civilização tecnológica. Para Oswald, o ócio a que todo homem teria direito fora desapropriado pelos poderosos e se perdera entre o sacerdócio (ócio sagrado) e o negócio (negação do ócio). Para recuperá-lo, propunha a incorporação do homem natural, livre das repressões da sociedade civilizada”. Ainda: “A formulação essencial do homem como problema e como realidade era capsulada neste esquema dialético: 1º termo: tese – o homem natural; 2º termo: antítese – o homem civilizado; 3º termo: síntese – o homem natural tecnizado. A humanidade teria estagnado no segundo estágio, que constitui a negação do próprio ser humano, e no qual fora precipitada pela cultura messiânica”. E então: “Contra a cultura ‘messiânica’, repressiva, fundada na autoridade paterna, na propriedade privada e no Estado, advogava a cultura ‘antropofágica’, correspondente à sociedade matriarcal e sem classes, ou sem Estado, que deveria surgir, com o progresso tecnológico, para a devolução do homem à liberdade original, numa nova Idade do Ouro. Conotação importante derivada do conceito de ‘antropofagia’ oswaldiano é a idéia da ‘devoração cultural’ das técnicas e informações dos países superdesenvolvidos, para reelaborá-las com autonomia, convertendo-as em ‘produto de exportação’ (da mesma forma que o antropófago devorava o inimigo para adquirir as suas qualidades). Atitude crítica, posta em prática por Oswald, que se alimentou da cultura européia para gerar suas próprias e desconcertantes criações, contestadoras dessa mesma cultura”.

## Referências

ACANDA GONZÁLEZ, J. L. La recepción de Gramsci en Cuba. In: KANOUSI, D. (Org.) *Gramsci en América*. México: Plaza y Valdés, 2000. p.109-28.

- ANTELO, R. *Na ilha de Marapatá, Mário de Andrade lê os hispano-americanos*. São Paulo: Hucitec, 1986. p.186-8.
- BASBAUM, L. *Sociologia do materialismo*. São Paulo: Obelisco, 1959.
- \_\_\_\_\_. *Sociologia del materialismo*. Buenos Aires: Editorial Américalee, 1964.
- BELLOTO, M.; CORREA, A. M. (Org.) *José Carlos Mariátegui*. São Paulo: Ática, 1982.
- BOSI, A. A vanguarda enraizada: o marxismo vivo de Mariátegui. *Estudos Avançados*, São Paulo, v.4, n.8, p.50-61, 1990.
- BRANDÃO, A. S. Carta de Álvaro Soares Brandão a José Carlos Mariátegui. In: MELIS, A. (Org.) *José Carlos Mariátegui: correspondencia*, Lima: Biblioteca Amauta, 1984. t. II, p.407.
- BRANDÃO, O. *Combates e batalhas, memórias*. São Paulo: Alfa-Omega, 1978. v.I.
- CAMPOS, A. de. Revista re-vistas: os antropófagos. *Revista de Antropofagia*, edição fac-similar, São Paulo, Metal Leve/Companhia Lithographica Ypiranga, 1976.
- CARONE, E. O marxismo no Brasil: das origens a 1964. In: SECCO, L.; DAECTO, M. (Org.) *Edgard Carone: leituras marxistas e outros estudos*. São Paulo: Xamã, 2004. p.17-74.
- CENDRARS, B. *Folhas de viagem sul-americanas*. Belém: Editora Universitária UFPA, 1991.
- COHEN, S. *Bukharin, uma biografia política*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- CORTÉS, L. V. Periodismo político y cultural en la década de 1920: el *Boletín Titikaka* y la propaganda. s. d. Disponível em: <<http://www.ucm.es/info/especulo/numero34/titikaka.html>>.
- COUTINHO, C. N. Uma via “não-clássica” para o capitalismo”. In: D’INCAO, M. A. (Org.) *História e ideal, ensaios sobre Caio Prado Júnior*. São Paulo: Editora Unesp, Brasiliense, 1989.
- CUNHA, P. R. da. *Um olhar à esquerda, a utopia tenentista na construção do pensamento marxista de Nelson Werneck Sodré*. Rio de Janeiro: Revan; São Paulo: Fapesp, 2002.
- DEL ROIO, M. *A classe operária na revolução burguesa, a política de alianças do PCB: 1928-1935*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1990.
- D’INCAO, M. A. (Org.) *História e ideal, ensaios sobre Caio Prado Júnior*. São Paulo: Editora Unesp, Brasiliense, 1989.
- DRAPER, T. *The Roots of American Communism*. New York: The Viking Press, 1957.
- EULÁLIO, A.; CALIL, C. A. (Org.) *A aventura brasileira de Blaise Cendrars*. São Paulo: Edusp, Fapesp, Imprensa Oficial, 2001.
- FERNANDES, F. Significado atual de José Carlos Mariátegui. *Revista Universidade e Sociedade*, n.7, 1994.
- FERNÁNDEZ DÍAZ, O. *Mariátegui, o la experiencia del otro*. Lima: Empresa Editora Amauta, 1994.
- FERREIRA, O. S. *Nossa América: Indoamérica*. São Paulo: Livraria Pioneira, Editora da Universidade de São Paulo, 1971.

- FISHBEIN, L. *Rebels in Bohemia: Radicals of the Masses, 1911-1917*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1982.
- FLORES GALINDO, A. *La agonía de Mariátegui, la polémica con el Komintern*. Lima: Centro de Estudios y Promoción del Desarrollo, 1982a.
- \_\_\_\_\_. Años de iniciación: Juan Croniquer, 1914-1918. In: \_\_\_\_\_. *La agonía de Mariátegui, la polémica con el Komintern*. Lima: Centro de Estudios y Promoción del Desarrollo, 1982b. p.119-41.
- \_\_\_\_\_. La agonía de Mariátegui. In: FLORES GALINDO, A. *Obras completas II*. Lima: Fundación Andina, SUR Casa de Estudios del Socialismo, 1994. p.365-626.
- FORGUES, R. *Mariátegui, la utopía realizable*. Lima: Empresa Editora Amauta, 1995.
- FORNET-BETANCOURT, R. *O marxismo na América Latina*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 1995.
- GORENDER, J. *Combate nas trevas, a esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada*. São Paulo: Ática, 1978a.
- \_\_\_\_\_. *O escravismo colonial*. São Paulo: Ática, 1978b.
- HILTON, S. *A rebelião vermelha*. Rio de Janeiro: Record, 1986.
- KANOUSI, D. (Org.) *Gramsci en América*. México: Plaza y Valdés, 2000.
- KLEHR, H. et al. (Org.) *The Soviet World of American Communism*. New Haven, London: Yale University Press, 1998.
- KONDER, L. *Intelectuais brasileiros e marxismo*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1991.
- LIMA, H. F. *Caminhos percorridos*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- LUNA VEGAS, R. *Historia y transcendencia de las cartas de Mariátegui*. Lima: s. n., 1985.
- \_\_\_\_\_. *José Carlos Mariátegui, ensayo biografico*. Lima: Editorial Horizonte, 1989.
- MARIÁTEGUI, J. C. *La escena contemporánea*. Lima: Editorial Minerva, 1925.
- \_\_\_\_\_. *Siete ensayos de interpretación de la realidad peruana*. Lima: Editorial Minerva, 1928.
- \_\_\_\_\_. *Sete ensaios de interpretação da realidade peruana*. São Paulo: Alfa Omega, 1975.
- \_\_\_\_\_. *El alma matinal y otras estaciones del hombre de hoy*. Lima: Biblioteca Amauta, 1987a.
- \_\_\_\_\_. *Escritos juveniles*. Lima: Biblioteca Amauta, 1987b. t. I.
- \_\_\_\_\_. *Figuras y aspectos de la vida mundial*. Lima: Empresa Editora Amauta, 1987c. v.III.
- \_\_\_\_\_. Occidente y el problema de los negros. In: \_\_\_\_\_. *Figuras y aspectos de la vida mundial*. Lima: Empresa Editora Amauta, 1987d. v.III, p.128-30.
- \_\_\_\_\_. Blaise Cendrars. In: \_\_\_\_\_. *El artista y la época*. Lima: Biblioteca Amauta, 1988a. p.105-14.
- \_\_\_\_\_. *El artista y la época*. Lima: Biblioteca Amauta, 1988b.

- MARIÁTEGUI, J. C. *Siete ensayos de interpretación de la realidad peruana*. México: Serie Popular Era, 1988c.
- \_\_\_\_\_. Importância del problema racial. In: \_\_\_\_\_. *Textos básicos*. Lima: Fondo de Cultura Económica, 1991a. p.228-57.
- \_\_\_\_\_. *Textos básicos*. Lima: Fondo de Cultura Económica, 1991b.
- MELIS, A. (Org.) *José Carlos Mariátegui*: Correspondencia. Lima: Biblioteca Amauta, 1984. t.II.
- NUÑEZ, E. *La experiencia europea de José Carlos Mariátegui*. Lima: Empresa Editora Amauta, 1994.
- OTTANELLI, F. M. *The Communist Party of the United States*. New Brunswick, London: Rutgers University Press, 1991.
- PARIS, R. *La formación ideológica de José Carlos Mariátegui*. México: Ediciones Pasado y Presente, Siglo Veintiuno Editores, 1981.
- PEREIRA, A. José Carlos Mariátegui y su obra. *Unidad*, Lima, p.5, 21 abr. 1960.
- PETTORUTI, E. Carta de Emilio Pettoruti a José Carlos Mariátegui. In: MELIS, A. (Org.) *Mariátegui, correspondencia*. Lima: Amauta, 1984. v.II, p.526.
- POMAR, W. *Pedro Pomar, uma vida em vermelho*. São Paulo: Xamã, 2003.
- PRESTES, L. C. Luis Carlos Prestes a nombre de comunistas y pueblos Brasileño expresa su homenaje a Mariátegui. *Unidad*, Lima, p.2, 21 abr. 1960.
- RAMOS, G. Literatura latino-americana. *Cultura Política*, Rio de Janeiro, ano I, n.3, p.274-5, maio 1941a.
- \_\_\_\_\_. Literatura latino-americana. *Cultura Política*, Rio de Janeiro, ano I, n.7, p.299-301, set. 1941b.
- \_\_\_\_\_. Literatura latino-americana. *Cultura Política*, Rio de Janeiro, ano I, n.9, p.398-402, 10 nov. 1941c.
- ROUILLON, G. *Bio-bibliografía de José Carlos Mariátegui*. Lima: s. n., 1963.
- \_\_\_\_\_. *La creación heroica de José Carlos Mariátegui*. Lima: Editorial Arica, 1975.
- SANTANA CASTILLO, J. Gramsci y Mariátegui. In: KANOUSI, D. (Org.) *Gramsci en América*. México: Plaza y Valdés, 2000.
- SECCO, L. *Caio Prado Júnior, o sentido da revolução*. São Paulo: Boitempo, 2008.
- SECCO, L.; DEACTO, M. (Org.) *Edgard Carone: leituras marxistas e outros estudos*. São Paulo: Xamã, 2004.
- SODRÉ, N. W. *Formação histórica do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1962.
- TARCUS, H.; LONGONI, A. Cartas inéditas de una amistad vanguardista: correspondencia entre José Carlos Mariátegui y Emilio Pettoruti. *Ramona*, Buenos Aires, p.10-21, 2001.
- TAURO, A. *Amauta y su influencia*. Lima: Biblioteca Amauta, 1987a.
- \_\_\_\_\_. Estudio preliminar. In: MARIÁTEGUI, J. C. *Escritos juveniles*. Lima: Biblioteca Amauta, 1987b. t.I, p.7-64.
- WIESSE, M. *José Carlos Mariátegui*. Lima: Biblioteca Amauta, 1987.



*RESUMO* – Este artigo discute especialmente a recepção da obra do jornalista e teórico marxista peruano José Carlos Mariátegui no Brasil, sua influência no meio acadêmico e político, e as diferentes leituras e abordagens de suas ideias no país, do final dos anos 1920 até a atualidade, assim como também mostra as tentativas de aproximação de JCM com artistas e intelectuais brasileiros.

*PALAVRAS-CHAVE:* José Carlos Mariátegui, Marxismo na América Latina, Marxismo e cultura, PCB, Marxismo no Peru, Marxismo no Brasil.

*ABSTRACT* – This article discusses primarily the reception of the work of the Peruvian journalist and Marxist theoretician José Carlos Mariátegui in Brazil, his influence in the academic and political milieu, and the different readings and approaches to his ideas in this country, from the late 1920's to the present day; it shows, as well, JCM's efforts to establish links and relations with Brazilian artists and intellectuals.

*KEYWORDS:* José Carlos Mariátegui, Marxism in Latin America, Marxism and culture, PCB, Partido Comunista do Brasil (Communist Party of Brazil, later Brazilian Communist Party), Marxism in Peru, Marxism in Brazil.

*Luiz Bernardo Pericás* é formado em História pela George Washington University, doutor em História Econômica pela USP, pós-doutorado em Ciência Política pela Flacso (México), onde foi professor convidado. Foi também *Visiting Scholar* na University of Texas at Austin. @ – lbpericas@hotmail.com

Texto recebido em 4.5.2009 e aceito em 15.6.2009.